

**Dossiê: “Parentescos contemporâneos: possibilidades em campos interseccionados”**

## **Circulação Infanto-Juvenil: observando as mulheres da comunidade da Estrada Velha/Acarape-CE**

**Francisca Raquel de Oliveira Temoteo**

Mestranda em Antropologia Social (PPGAS – UFRN)

e-mail: raketwho@gmail.com

<https://orcid.org/0000-0002-5858-4665>.

**Layra Nobre Dias**

Graduada em Antropologia (UNILAB)

e-mail: Layranobre10@gmail.com

<https://orcid.org/0000-0001-9963-0739>

**Jacqueline Britto Pólvora**

Docente do Departamento de Humanidades (UNILAB)

e-mail: Jacqueline.polvora@unilab.edu.br

<https://orcid.org/0000-0002-9095-5825>

### **RESUMO**

O presente artigo tem como ponto de partida a análise das dinâmicas internas na comunidade da Estrada Velha em Acarape – CE, que culminou na observação da circulação infanto-juvenil. Gerando curiosidade sobre esse tema e sobre seus atores, o que fazem e quais os motivos da população infanto-juvenil circularem por diversos ambientes, entre casas e ruas, becos e famílias em uma comunidade interiorana do maciço de Baturité. O objetivo deste estudo é entender o que é a circulação, como se dá e o que gera esse fenômeno na comunidade. Nesse sentido, no decorrer da escrita, apontamos os motivos desse afastamento e as situações em que as dinâmicas entre as mulheres influenciam no circular das crianças. A metodologia utilizada trata-se de uma pesquisa descritiva e qualitativa com a ferramenta da observação participante em campo, que possibilitou observar, dialogar e analisar as condições que envolvem a circulação.

**Palavras-chave:** Antropologia Urbana; Circulação Infanto-Juvenil; Estrada Velha; Dinâmica Interna; Pobreza.

## Infant-juvenile circulation: observing the women of the Community of Estrada Velha/Acarape-CE

---

### ABSTRACT

This article has as its starting point the analysis of internal dynamics in the community of Estrada Velha in Acarape - Ce, which culminated in the observation of the infant-juvenile circulation. Generating curiosity about this theme, and about its actors, what they do and what the reasons of the population of children and youth circulate through various environments, between houses and streets, alleys and families in an inland community of the Baturité massif. The aim of this study is to understand what circulation is, how to give and what generates this phenomenon in the community. In this sense, in the course of writing, we point out the reasons for this distancing and the situations in which the dynamics between women influence the children's movement. The methodology used is a descriptive and qualitative research with the participant observation tool in the field, which made it possible to observe, dialogue and analyze the conditions that involve circulation.

**Keywords:** Urban Anthropology; Children and Youth Circulation; Estrada Velha; Internal Dynamics; Poverty.

## Circulación infanto-juvenil: observando a las mujeres de la Comunidad de Estrada Velha/Acarape-CE

---

### RESUMEN

Este artículo tiene como punto de partida el análisis de la dinámica interna en la comunidad de Estrada Velha en Acarape - Ce, que culminó con la observación de la circulación infanto-juvenil. Generar curiosidad sobre este tema, y sobre sus actores, qué hacen y cuáles son las razones de la población de niños y jóvenes que circulan por diversos ambientes, entre casas y calles, callejones y familias en una comunidad interior del macizo del Baturité. El objetivo de este estudio es comprender qué es la circulación, cómo dar y qué genera este fenómeno en la comunidad. En este sentido, en el curso de la redacción, señalamos las razones de este distanciamiento y las situaciones en las que las dinámicas entre mujeres influyen en el movimiento de los niños. La metodología utilizada es una investigación descriptiva y cualitativa con la herramienta de observación participante en el campo, que permitió observar, dialogar y analizar las condiciones que involucran la circulación.

**Palabras clave:** Antropología Urbana; Circulación Infantil y Juvenil; Estrada Velha; Dinámica interna; Pobreza.

## Introdução

Este trabalho é fruto de uma pesquisa de graduação em Antropologia pela Unilab<sup>1</sup>, concluída em 2012, que teve como título *Circulação infanto-juvenil: observando as mulheres da comunidade da Estrada Velha/Acarape-CE*. Este tema surgiu durante a inserção comunitária na comunidade da Estrada Velha em 2017, quando participamos como extensionistas voluntárias do projeto Rede de Estudos, Afrontamentos das Pobrezas, Discriminações e Resistências (reaPODERE) da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (Unilab). Naquela oportunidade, surgiram várias indagações que, de certa maneira, precisávamos compreender como, por exemplo, de que modo se davam determinados fenômenos dentro do território e assim entender suas complexidades.

O primeiro contato que tivemos com o tema de circulação infantil foi a partir de algumas leituras de Philippe Ariès (1981) e Elisabeth Badinter (1985) que tratavam da família na Europa dos séculos XV–XVIII, como os preceitos que fundaram aquela ordem familiar chegaram ao Brasil e como suas transformações aconteceram no decorrer do tempo, que atravessam os textos de Maria Odila Dias (1983), Mary Del Priori (1993) e Claudia Fonseca (2007). Através dessas leituras, os corpos femininos foram aparecendo sob a perspectiva de julgamentos e preceitos das épocas. Procuramos identificar nos textos onde estas mulheres, europeias e brasileiras, estão e como se colocam na organização do território e na chefia do lar.

Ao fazermos uma análise sócio-histórica das famílias europeias e brasileiras dos séculos XVIII–XIX, podemos analisar que os cuidados com as crianças aparecem tanto na família, quanto quando falamos apenas da mulher. Essa infância é evidenciada em movimento desde os primeiros anos de vida na Europa, como aborda o historiador Ariès (1981), sendo levadas para aprenderem o trabalho doméstico em outras casas e/ou sendo amamentadas por amas de leite, trazendo uma discussão sobre se há ou não amor a esta criança pela família, ou, mais precisamente, pela mãe. Segundo Badinter (1985), essa tarefa permanece sempre com a mulher por causa dos discursos de “vocalização natural” ecoados pela sociedade durante anos.

No Brasil, essas mulheres, durante o decorrer dos anos, vão se adaptando diante do abandono ou morte do companheiro, tendo que sustentar a casa, os filhos e parentes. Lembrando que, até o momento, estamos falando de uma realidade do século XIX como bem traz Fonseca (2004) ao trabalhar com documentos desse período que falam de

---

<sup>1</sup> Uma primeira versão deste texto foi apresentada como comunicação oral da “VIII Reunião de Antropologia da Ciência e da Tecnologia”, em 2021, realizada pela Universidade Federal de São Carlos.

famílias pobres, paternidade e moral na sociedade brasileira. Podemos dizer que a família extensa e a chefia feminina de lares convergem em um retrato das desigualdades brasileiras, político e socioeconômico, principalmente em comunidades periféricas, mas não é a sua causa. É por este caminho que chegamos na comunidade interiorana do maciço de Baturité<sup>2</sup>, na cidade de Acarape, mais especificamente, atrás da Unidade Acadêmica dos Palmares da Unilab, a comunidade da Estrada Velha.

Apontamos nesta apresentação uma construção da linha de pensamento sobre família nuclear e depois extensa, circulação de jovens e crianças, interligando os pontos sobre pobreza e o papel da mulher, unindo a pesquisa em campo e o surgimento desses assuntos durante as idas semanais à comunidade da Estrada Velha/Acarape–CE, considerando o sentimento de pertencimento que os/as moradores/as tem com o local como parte importante da análise. Nosso objetivo é evidenciar o motivo pelos quais as crianças circulam. Pensando também a relação de parentesco, que João de Pina Cabral e Antônia Lima (2005) o descrevem através de uma discussão sobre as metodologias de pesquisa nas Ciências Sociais, demonstrando a importância de metodologias de parentesco serem reelaboradas, discutidas e aprendidas para se adequarem ao campo de cada pesquisador/a.

Utilizamos como principal referência nas discussões sobre família e circulação de crianças os trabalhos da antropóloga Cláudia Fonseca (2004; 2007). A antropóloga debate as causas do fenômeno da circulação de crianças entre famílias pobres e as apresenta sob a ótica da sobrevivência, e, com isso, aponta a existência e resistência de famílias e crianças marcadas pelo abandono por parte do Estado, o desamparo social e a ausência de direitos básicos na realidade dos centros urbanos do Brasil. Porém, os pontos de discussão que Fonseca traz muitas vezes não se encaixam para determinar a circulação no território da comunidade que estudamos, pois, comunidades apresentam dinâmicas diferentes e discussões diversas entre seus atores. Fonseca (2007), por exemplo, utiliza a análise de documentos do século XIX para discorrer sobre a circulação de mulheres e crianças. Isso também acontece em sua obra *Caminhos da Adoção* (1995), na qual examina as concepções que orientaram a administração de instituições públicas para crianças “abandonadas”.

Nesses dois exemplos, a autora mostra como o campo da Antropologia pode auxiliar políticas que digam respeito a crianças abandonadas e a adoção. Neste sentido, nosso trabalho é ir uma a duas vezes por semana na comunidade, conversar e realizar atividades socioeducativas com as crianças e jovens, entender e observar suas dinâmicas e

---

2 Ver Maciço de Baturité: <https://www.bahia.ws/macico-de-baturite-ceara/>. Acesso em: 13 jul. 2022.

relações com os demais. Através dessa observação semanal foi possível notar que os órgãos de saúde básica, Centro de Referência da Assistência Social (CRAS) e Centro de Referência de Assistência Social (CREAS), não realizavam de forma satisfatória as visitas regulares que eram previstas, gerando uma situação de abandono. É relevante destacar que Claudia Fonseca trabalha mais nas regiões Sul e Sudeste do país, e nós observamos a região Nordeste, mais especificamente, uma comunidade interiorana do Maciço de Baturité.

Descrever o familiar é muitas vezes um processo árduo. É o que apresenta a literatura, especialmente a produzida pelos pioneiros da Antropologia da Escola Sociológica de Chicago em 1910. Eles encontraram dificuldades para descrever o que é “familiar”. O desafio desta escola foi o de alterar o estudo do “outro” (distante geograficamente) para o “próximo”, dentro das próprias cidades onde viviam, já que agora o meio urbano estava sendo seu foco principal. Começaram a surgir os estudos voltados ao aparecimento do aumento populacional no meio urbano, a violência e o vínculo destes temas com o surgimento de comunidades e famílias pobres:

[...] o interesse por questões urbanas surgiu em razão dos problemas advindos da rápida urbanização dessa cidade do centro-norte dos Estados Unidos e, mais especificamente, dos processos migratórios que para ela convergiam: o referencial interpretativo foi a Ecologia Humana e a preocupação inicial era com as “patologias sociais”, resultantes justamente das dificuldades e desafios para a inserção das levas de novos habitantes, principalmente do leste europeu, no novo e desconhecido meio. Apesar da denominação “sociológica” do departamento em que esses estudos eram realizados, na Universidade de Chicago, Ulf Hannerz (1986) se refere a alguns dos seus pesquisadores como os “etnógrafos de Chicago”, para ressaltar o caráter antropológico dos métodos de trabalho por eles empregados. (MAGNANI, 2012, p. 177).

Recolocar estas pessoas em Acarape que, por muitas vezes, são excluídas tanto pelo poder público quanto pela população de uma forma geral, faz com que este trabalho utilize o pensamento de não separação desses dois núcleos, indivíduos e sociedade. O que Nobeit Elias (1994) deixa claro ao afirmar que a sociedade é formada por indivíduos e estes são constituintes da sociedade, não sendo possível pensá-los separadamente. Portanto, seria um “absurdo” tomar os termos de outro modo que não aquele da cumplicidade. E isso aponta na discussão social sobre pobreza, território e políticas públicas com os atores da Estrada Velha.

## Conhecendo o território da Estrada Velha em Acarape no Ceará

Neste momento, apresentaremos dois pontos da pesquisa: o primeiro é referente à pesquisa em campo e ao surgimento desses assuntos durante as idas semanais à comunidade da Estrada Velha que fica localizada em Acarape–CE. O segundo é referente à circulação de crianças e jovens, e como isso está relacionado com a pobreza encontrada. Conforme o antropólogo Agustín Barna (2019), vários autores, principalmente da área de Antropologia, estão interessados em analisar práticas sociais associadas à criança e utilizaram a categoria “circulação” para descrever o deslocamento dessas crianças entre diversas famílias.

Apresentamos também imagens do acervo da reaPODERE, grupo de pesquisa do qual fizemos parte entre 2017–2020, período durante o qual pudemos conhecer a comunidade em questão através das atividades socioeducativas realizadas pelo grupo com as crianças do território. O rosto das crianças e jovens foram borrados nas fotografias aqui presentes, justificamos tal escolha por questões de segurança e proteção dos perigos em potencial da exposição na internet e em outros meios de divulgação, como também devido aos dilemas éticos que envolvem o uso de imagens de menores de idade. O uso destas imagens foi permitido pelo coordenador do grupo, o prof. Dr. James Ferreira Moura Júnior, e pelo estudante do curso de História Talvane de Freitas da Silva.

Para introduzir o conceito de “comunidade” neste trabalho, utilizamos os psicólogos Jorge Castellá Sarriera, James Ferreira Moura Jr., Verônica Moraes Ximenes e Anelise Lopes Rodrigues (2016) que nos apontam que sentido ou senso de comunidade é quando fazemos parte de uma rede de relações dentro de um ambiente, neste caso, uma comunidade, que já se tem uma forma de agir em conjunto para um bem comum. Porém, viver em comunidade representa também perda de liberdade. Assim, segurança e liberdade permanecem em tensão. Zygmunt Bauman (2003) nos proporciona uma visão menos romantizada do sentido de comunidade. Para ele, ser uma comunidade não significa comunicação mútua, defesa dos direitos e segurança entre os próprios moradores, visto que estas podem se construir a partir de realidades diferentes. Ao fazer uma crítica ao conceito de comunidade, Bauman demonstra que este parece ter sido abandonado pelas agendas de estudos sociais.

Assim, o sentido de comunidade deve ser entendido como juntar os aspectos físicos, territoriais e simbólicos que constroem uma comunidade. Observamos que há uma rede de comportamentos e sentidos específicos em cada comunidade, constituindo um universo simbólico no território, que segundo Cezar Wagner Góis (2005, p. 121) “está

igualmente formado por representações e práticas macrossociais geralmente fincadas em uma sociedade capitalista opressora”.

O senso de comunidade pode ser observado, dentre outras coisas, por expressões, como a utilizada na pichação de um muro, no qual se diz: “Todos pensa qui são mos quadrilha, mais na verdade saomos uma família!!”. O que está escrito exhibe também uma sensação de marginalização e preconceito que estes moradores sofrem do restante da cidade.



Foto 1: acervo da reaPODERE, 2017.

Nesse pensamento, os autores James Ferreira Moura Jr, Antônio Ailton Lima e Francisco Gabriel Silveira Ferreira (2018, p. 436-437) falam que a localidade da Estrada Velha foi escolhida pela reaPODERE pelo fato de ser “um campo de atuação da extensão universitária que sofre com o processo de estigmatização da própria população de Acarape e cidades vizinhas, a qual ficou reconhecida pelo tráfico de drogas, violência e a pobreza, sendo totalmente marginalizada e negligenciada pela própria política local”.

As atividades socioeducativas da rede que vêm se desenvolvendo no local, têm o intuito de fortalecer vínculos, trabalhar o lúdico e estimular o cooperativismo entre as crianças. “Portanto, o papel da extensão desenvolvida na REAPODERE é o de fortalecer a comunidade e os processos de resistência desenvolvidos por indivíduos em contextos de privação” (MOURA JR; LIMA; FERREIRA, 2018, p. 436).

## Os primeiros passos até o campo

Entramos no projeto *reaPODERE* no início de 2017. Naquele momento, os integrantes estavam se preparando para ir a campo, era a primeira pesquisa em campo do grupo, munido de leituras teóricas sobre Psicologia Comunitária, infâncias e pobreza. Em um primeiro instante, o grupo fez uma busca superficial sobre a comunidade da Estrada Velha e entrou em contato com algumas lideranças — ou como William Foote Whyte (1980) chama, os nossos “Doc’s”. Estes são as pessoas que nos ajudariam e poderiam nos acompanhar em uma caminhada comunitária como reconhecimento de campo e para apresentar-nos aos moradores, criando assim, nosso primeiro contato. Como apontam Cornélia Eckert e Ana Luiza Rocha (2008), esse momento de preparação de um projeto, conversas e primeiras idas a campo é essencial para o futuro pesquisador:

Após a elaboração de um projeto com tema pertinente ao campo de conhecimento antropológico e orientado por um(a) professor(a) que lhe iniciará na pesquisa etnográfica, a primeira atitude do(da) jovem cientista é aproximar-se das pessoas, dos grupos ou da instituição a ser estudada para conquistar a concordância de sua presença para a observação sistemática das práticas sociais. (ECKERT; ROCHA, 2008, p. 9).

As autoras continuam discorrendo sobre esse processo de aproximação durante a pesquisa com os moradores e o ambiente, pois existem muitas formas da inserção em campo ser iniciada. Para a realização de uma etnografia, é interessante notar que a pesquisa é um “processo de negociação do(a) antropólogo(a) com indivíduos e/ou grupos que pretende estudar, transformando-os em parceiros de seus projetos de investigação, compartilhando com eles e com elas suas ideias e intenções de pesquisa” (ECKERT; ROCHA, 2008, p. 10).

O nosso principal receio no início era como as pessoas de lá iriam nos receber, afinal se tratava de um local que nós nunca tínhamos ido antes. Além disso havíamos, previamente, ouvido relatos preconceituosos sobre a comunidade. Nesses relatos, identificávamos afirmações como “só tem coisa ruim lá”, “é violento demais”, “todos são sujos”. Essas falas vinham de moradores das proximidades, o que nos deixava curiosas para saber o que poderíamos encontrar no território. Tal pensamento foi nos corroendo durante o trajeto (realizado a pé) até a comunidade da Estrada Velha, que se localiza atrás da Unilab. A estrada não era asfaltada, era de terra batida e estava esburacada. A vegetação era formada por poucos arbustos, a maioria já secos devido à pouca chuva do mês de abril.

As imagens abaixo mostram cenas do caminho, saindo à esquerda, que se percorre para ir do Campus dos Palmares até a comunidade (foto 2), e do começo da estrada de terra batida, que se inicia atrás do prédio da Unilab, até a comunidade (foto 3).



Foto 2: acervo da reaPODERE, 2018.



Foto 3: acervo da reaPODERE, 2018.

Adentrando a comunidade, notamos a ausência de saneamento básico e de coleta de lixo, pois havia um acúmulo de embalagens plásticas, fraldas rasgadas e papel nas crateras, tudo em meio a água suja que estava presente na frente das primeiras casas. A comunidade é constituída de apenas uma rua reta, um pouco íngreme, sem asfalto, com

pedrinhas soltas e um mato crescendo aos poucos no chão batido e úmido. Algumas casas eram feitas de taipa e outras de alvenaria.

Notamos que as primeiras casas que vimos, na entrada da comunidade, possuíam uma estrutura mais simples, na medida em que avançávamos, as casas pareciam mais estruturadas, feitas com tijolos, pinturas e cercas. Havia um campo de futebol improvisado mais à frente e algumas pichações nos muros, anunciando a presença de uma organização faccional na região e fazendo uso de uma linguagem simbólica violenta. Foi possível identificar que existia na comunidade, portanto, uma rede de poder ou de dominação local. Este tema é retratado no trabalho de Luís Felipe Zilli (2015), no qual discute o envolvimento de adolescentes e jovens das periferias da região metropolitana de Belo Horizonte (RMBH), capital do estado de Minas Gerais, no “mundo do crime” e as dimensões simbólicas da “lei da favela”. Por meio dessas duas categorias nativas que o autor usa, notamos as estruturas simbólicas através da presença da facção pelos dizeres nos muros: “é proibido entrar de capacete” espalhado pelos muros da comunidade.

O primeiro sentimento ao ver o território foi de “choque”, já que ele é bem diferente do que encontramos no restante da cidade de Acarape. De acordo com o antropólogo Roy Wagner (2010), esse sentimento é conhecido pelos antropólogos como “choque cultural”. Nele, a “cultura” local se manifesta ao antropólogo primeiramente por meio de sua própria inadequação; contra o pano de fundo de seu novo ambiente, foi ele que se tornou “visível”, pois mesmo sendo um local relativamente próximo da universidade, não imaginamos que a disparidade estrutural (rua, casas) fosse tão evidente.

Julgando pela localização, antes de ir, pensamos que encontraríamos algo que lembrasse mais o entorno urbano de Acarape, com casas simples, porém de tijolos, ruas asfaltadas e a existência de coleta semanal de lixo. Todavia, essa não era a realidade quando chegamos à comunidade. Vimos o descaso com os moradores e com o local, principalmente quando se junta a esta imagem o prédio da Unilab ao fundo. A sensação dos pesquisadores era de que havia um distanciamento não só físico e material, mas de pertencimento, como se aquela comunidade não pertencesse a Acarape.

A imagem abaixo (Foto 4) mostra uma visão de dentro da comunidade, mais especificamente, do local onde foi realizado o 1º Natal da Família Estrada Velha, nome dado pelos próprios moradores, como alusão à escrita no muro (Foto 1). Podemos notar o prédio da Unilab ao fundo.



Foto 4: Talvane de Freitas da Silva, 2017.

Depois desse “choque” inicial, não poderíamos continuar com a expressão que nós tínhamos. Tivemos que nos recompor e voltar ao trabalho. Andamos até a comunidade no intuito de fazer contato diretamente com os moradores através de entrevistas. Fomos divididos em duplas, para assim abarcar toda a comunidade, que tinha em torno de 43 casas. Nos dirigimos a uma moradora, que chamaremos de Fernanda para preservar a sua identidade. Ela se encontrava na porta de casa, nos observando desde que chegamos. Expressava um olhar de curiosidade, estava vestida com um vestido azul-claro simples e uma chinela havaiana da mesma cor. A senhora aparentava ter 50 anos de idade, pele queimada do sol. Fomos chegando próximo a ela, que sorriu. Era visível que Fernanda havia percebido o nosso despreparo para o momento.

Nossa dupla se apresentou a ela, falamos sobre o que estávamos fazendo e perguntamos se ela gostaria de responder algumas perguntas, ela estendeu a mão como sinal de cumprimento, notamos no apertar de mãos, sinais de anos de trabalho — mostrava calos e rigidez na pele. A senhora foi receptiva e nos convidou a entrar em sua casa. Achamos interessante o fato dela deixar pessoas, até então estranhas, de fora da comunidade, entrarem em seu ambiente. Com esse ato da senhora, pudemos tomar nota sobre a moradia das famílias por dentro. A morada era simples, com pouquíssimos móveis, como um sofá desgastado coberto por toalhas de banho e três quadros de crianças e um de toda a família pregados na parede de cimento. Um berço rosa claro com um mosquiteiro e uma TV de tubo, que passava desenhos infantis em cima de um rack da cor

magenta com CDs preenchiam a sala da casa.

Na casa moravam treze pessoas de diferentes idades. A mulher que nos atendeu era a mãe de seis filhos, além deles moravam lá mais dois netos e quatro parentes. Ela sustentava a casa e mantinha a ordem do ambiente. Perguntamos como era a estrutura física da casa, a senhora nos olhou e sorriu timidamente, voltou a olhar para o chão e balançando a mão direita indicou que eram três cômodos, divididos entre sala — que de noite se tornava o quarto do bebê —, um quarto, em que dormiam as meninas, e uma cozinha. Além disso, havia um quintal, onde também ficava um banheiro. Fernanda nos contou que lutou muito para ter uma casa como aquela, trabalhando em fábricas de tecido na região e lutando para manter os filhos na escola, pois, na fala dela “é mais fácil ir por outro caminho, aquele das drogas e... como é... mexer com coisa errada, você me entendeu! Para ter alguma coisa nessa vida, minha filha<sup>3</sup>”. Esse contato com a senhora pode nos mostrar através das falas, um cenário de escassez e dificuldades que os moradores ali passavam.

De acordo com relatos dos moradores, antes de se tornar a comunidade da Estrada Velha, o local consistia apenas em um terreno que contava com uma Associação dos Moradores. Em meados dos anos de 1987, o pai de uma senhora chamada Vilma, o senhor João, começou a doar pedaços da terra para pessoas que vinham do Acarape, Quixadá, Fortaleza e região. Essas famílias não tinham condições de comprar a parte do terreno e nem de construir uma casa de tijolos. Os moradores e o dono do terreno foram se ajudando até o local começar a se tornar uma comunidade.

Em consonância com este movimento, a Psicologia Comunitária empregada por Sarriera, Moura Jr., Ximenes e Rodrigues (2016) nos confere que o sentimento de pertencimento ao se entender como parte de uma comunidade acaba construindo a experiência do território, percebida a partir de atitudes e interações entre os moradores sob um contexto comunitário. Este fato pode ser percebido quando voltamos à frase pichada do muro (foto 1), na qual um sentimento de pertencimento a algo, como a família, está marcado no trecho “saomos uma família”.

Quando encerramos as entrevistas com os moradores, voltamos para a Unilab para conversar e compartilhar nossas primeiras impressões e sentimentos sobre o território. Analisamos as percepções favoráveis dos moradores conosco e, com isso, levantamos

---

3 Fala da senhora Fernanda sobre os caminhos possíveis dentro da comunidade. “Mexer com coisa errada” seria se envolver com o mundo do crime. Um mundo que está diariamente no cotidiano deles/as, por isso, em suas falas, seria mais fácil o envolvimento.

mais questionamentos a respeito da pobreza e da distribuição de renda. Foi notório que o ato da senhora Fernanda e de outras pessoas, de abrirem suas casas e responderem às entrevistas, pareceu estar relacionado ao desejo de serem ouvidos ou de receberem um mínimo de atenção. Chegamos a essa conclusão pois algumas das falas dos moradores se referiam ao descaso que a comunidade sofria. Falar sobre onde moram, suas vivências no local e os problemas que enfrentam pode ser uma urgência. A situação nos fez nos questionarmos sobre quando foi que eles foram ouvidos, e se foram. Havia mais do que relatos externos sobre o abandono da comunidade, a queixa agora era deles próprios.

Depois das entrevistas feitas, de recolhidos os dados, era preciso agora pensar sobre estar junto da comunidade e em formas de tentar ajudá-la em sua busca por melhorias. Então, pensando no território e nos sujeitos, percebemos que talvez as crianças fossem as mais vulnerabilizadas por esse contexto que abrigava fome, doenças e infecções, já que elas andavam descalças na lama. Outras preocupações eram a água parada, a falta de saneamento, o acúmulo de lixo, o contato com os animais doentes e o trabalho infantil. De acordo com os dados da Associação Brasileira de Pós-Graduação em Saúde Coletiva (Abrasco)<sup>4</sup>, a vivência dentro da pobreza afeta a saúde e a inteligência de crianças e adolescentes até a vida adulta.

Os pesquisadores analisaram dados de inquéritos nacionais de 95 países de baixa e média renda, através de dez categorias de renda (ou decis), cada qual incluindo 10% das crianças do país. Os resultados mostram que as crianças do decil mais pobres têm risco de duas a três vezes maior de morrer até os cinco anos de idade, ter baixa estatura e atraso de desenvolvimento cognitivo para a idade, não completar o ensino fundamental, e, entre as meninas, ter filhos antes dos vinte anos de idade, quando comparadas a seus pares do decil mais rico. As análises apontam, ainda, que quanto maiores as desigualdades socioeconômicas de um país, piores os resultados de saúde, nutrição e desenvolvimento cognitivo das crianças pertencentes às camadas mais vulneráveis das populações. (ABRASCO, 2022, s/p).

A partir da situação relatada e dos dados apontados, começamos a pensar em formar um grupo de crianças, pois era preciso saber o que elas faziam no seu tempo livre antes ou depois da escola. Também seria um jeito da rede se aproximar mais da

---

4 Ver: <https://www.abrasco.org.br/site/noticias/saude-da-populacao/pobreza-na-primeira-infancia-afeta-saude-e-inteligencia-de-criancas-e-adolescentes-ate-a-vida-adulta-mostra-estudo/65792/>. Acesso em: 13 jul. 2022.

comunidade, aproximando-nos dos/as filhos/as dessas pessoas. Esse movimento faria com que os moradores confiassem Mais no trabalho que estávamos iniciando.

Foi preciso elaborar os tipos de atividades a serem desenvolvidas. Os extensionistas tiveram seu primeiro encontro com as crianças, na própria rua, a céu aberto e vigiados pelos olhares atentos das mulheres. Destacamos a informação de que a maioria massiva presente no decorrer da semana era feminina. Muitas das mulheres moravam com seus companheiros, porém, os homens passavam a semana trabalhando fora da cidade ou estavam detidos. Alguns deles vinham aos finais de semana ou quinzenalmente estar junto de suas famílias e da comunidade, mas no começo da semana voltavam a trabalhar. Ou seja, eram as mulheres que organizavam aquele espaço, estando sempre de olho no que acontecia.

Com a estratégia de conseguir a confiança das mulheres, passamos de casa em casa para chamar as crianças e pedir autorização às mães para as crianças participarem das atividades. Outras crianças já estavam na rua brincando e, observando a movimentação, se aproximaram.

### **Conhecendo um pouco das crianças e de suas demonstrações de carinho**

Era o mês de junho de 2017 quando os extensionistas da rede se reuniram no final da área da comunidade, em frente a cerca, onde o terreno era mais reto e não tinha lixo. Fizeram um círculo e se sentaram no chão, junto das crianças. As crianças, em sua maioria do sexo feminino, de pele negra, os cabelos variando em tons de preto e amarelado por causa do sol, alguns eram lisos e estavam soltos, outros eram cacheados e mantidos presos por algum elástico. Sobre este fato, de manterem os cabelos sempre presos, achamos interessante destacar que no ano de 2018, durante uma atividade sobre o Dia da Consciência Negra, em uma oficina de tranças organizada entre a rede e o grupo Vozes de África<sup>5</sup>, as crianças e algumas mulheres adultas compartilharam relatos sobre o estigma social direcionado aos seus cabelos. Foi lembrada a história ancestral das tranças, que teriam sido utilizadas como mapas de fuga dos escravizados no Brasil. Nesse contexto, as mulheres se sentiram a vontade para falar sobre os cuidados capilares que tinham ou não. Foi um momento de trocas, de história e de saberes locais.

---

5      Pagina      no      *Facebook*      do      grupo      Vozes      de      África:  
[https://m.facebook.com/profile.php?id=100063965466422&eav=Afb2iYY7Guc9deu3fHToCUhw-rVfSoCviZKM2Xkctgt9dWK4hnl8vUsdMsmWdUawcc&paipv=0&\\_rdr](https://m.facebook.com/profile.php?id=100063965466422&eav=Afb2iYY7Guc9deu3fHToCUhw-rVfSoCviZKM2Xkctgt9dWK4hnl8vUsdMsmWdUawcc&paipv=0&_rdr). Acesso em: 03 nov. 2022.



Foto 5: acervo da reaPODERE, 2017.

As crianças demoraram um pouco para se aproximar e adquirir confiança. Nós nos apresentamos e pedimos que elas se apresentassem também. Fizemos algumas perguntas para as crianças, que respondiam de cabeça baixa e, em seguida, levantavam rapidamente os olhos como forma de tentar uma comunicação. Alguns dos meninos que estavam na atividade vestiam cuecas (tinham entre 3 e 5 anos de idade) e outros vestiam calção jeans e camisa de super-herói — algo que pudemos usar como ponto de partida para iniciar conversas, pois alguns extensionistas possuíam familiaridade com o tema. As meninas usavam vestidos simples ou shorts jeans e camisetas colorida.

Depois de algumas tentativas de conversas individuais, observamos algum progresso pois as crianças começaram a falar mais sobre si mesmas, sobre a vizinhança, do que sentiam falta, do que gostavam. Também perguntaram muito sobre a Unilab e sobre nós. Algumas se levantavam e apontavam a casa onde moravam “ali, tia, depois da casa azul”, cutucavam as amigas para que também falassem. No final, eles/as estavam conduzindo a roda de conversa. Este movimento de tornar-se condutor das conversas por parte das crianças tem ligação com o que a socióloga Rita Marchi (2017) discute, a ideia da criança como ator social presente nos estudos sociais da infância. A autora apresenta críticas feitas ao conceito de “agência da criança” assim como réplicas em sua defesa, tanto por autores pertencentes ao campo das Ciências Sociais quanto por autores externos a ele.

Em consonância a esse momento de estar com as crianças, ouvi-las e observá-las, apontamos o que a pesquisadora de educação infantil Rita Martins (2011) traz em seu

trabalho de campo com crianças: a importância de observar cada movimento, gesto e fala deles/as nesses primeiros contatos.

Os momentos dedicados à contextualização do CMEI se devem ao reconhecimento de que as falas das crianças não nascem isoladas, ou a partir de situações e de questões suscitadas pela pesquisa. Elas são parte de um contexto vivenciado pelas crianças na instituição educativa, onde passam até 12 horas diárias, durante cinco dias por semana. Além de possibilitar a caracterização do campo e a seleção dos participantes, as primeiras aproximações também favoreceram o estabelecimento de um vínculo de confiança e de respeito com as crianças e os profissionais. (MARTINS, 2011, p. 14).

No momento da conversa com as crianças, falamos o que queríamos fazer. Naquele momento, era conhecê-los. Saber o que faziam no tempo livre, se conheciam a Unilab, se estudavam, quais as suas idades. Durante as falas dos pequenos, não queríamos interferir, deixamos eles/as mais livres para falarem, era o primeiro contato com o grupo. Precisávamos ouvi-las e saber o que pensavam sobre o nosso grupo. No final da conversa, avisamos que voltaríamos, nos despedimos, e, em um ato coletivo e espontâneo, eles/as correram para expressar o afeto em forma de abraço e beijo na bochecha. Alguns nos acompanharam até o final da estrada que dá acesso à comunidade. Uma sensação de felicidade tomou conta de nós, pois se tratava de uma iniciativa que partiu daqueles pequenos habitantes.

## **Descobrimo mais sobre a circulação infantojuvenil através das mulheres da comunidade da Estrada Velha**

Os anos de 2017 e 2018 foram de aprendizado sobre o modo de nos portarmos frente a comunidade e nos mostrarmos dispostos a conhecê-la.. O interesse em observar e analisar a circulação infantojuvenil apareceu a partir dessa aproximação e da criação de uma ponte entre a Unilab e a comunidade da Estrada Velha. Para entender a circulação, teríamos que nos aproximar das famílias e esse foi o passo seguinte na atuação: conversar com as mulheres. Devido às observações já realizadas, sabíamos que eram elas que tomavam conta da comunidade — dos seus próprios filhos e dos de outras mães — durante a semana. A construção desse novo diálogo levaria tempo e tínhamos que levar em consideração certos fatores: como abordar as mulheres sobre os cuidados com as crianças? Elas iriam querer conversar conosco sobre isso? O que pensariam ao serem indagadas sobre o tema?

Durante as atividades que realizávamos com as crianças, chegávamos até as mulheres e puxávamos conversa com elas, muitas vezes sem conseguir avançar muito. Nas poucas vezes em que conseguíamos uma brecha, algumas falavam sobre como as crianças gostavam da gente, das atividades e de nossos cabelos coloridos. Fomos percebendo que a dificuldade na aproximação com essas mulheres e mães tinha a ver com uma imagem já projetada sobre nossos corpos enquanto extensionista. Parecia que éramos vistos apenas como “os/as tios/as que brincam com as crianças”.

Depois de várias tentativas de construção de diálogos com as mulheres, pudemos observar um ponto crucial da dinâmica da comunidade e da circulação de crianças e jovens. Compreendemos que a interação entre as mulheres era a chave. Este elo dava abertura e confiança para que os/as filhos/as pudessem “passar um tempo” na casa de vizinhos/as.

Dois pontos da circulação foram observados: 1) O termo “passar um tempo”, que significava deixar a criança durante um, dois ou mais meses na casa de um vizinho da comunidade. Isso acontecia devido à fome e à extrema pobreza que muitos dos moradores ali enfrentavam. Os que tinham condições de alimentar mais uma boca, recebiam o pequeno visitante. Apesar desse tipo de circulação a situação na comunidade ainda se mantinha difícil, havia duas famílias que dividiam a mesma casa para conseguir sobreviver em meio àquela realidade. Muitas famílias contavam com auxílio do Bolsa Família, com o dinheiro que os companheiros mandavam e/ou com a remuneração do trabalho das mulheres (em fábricas de tecido ou como domésticas). Porém, era difícil combinar esses três pontos, muitas delas perderam o benefício do governo por não saberem da exigência de atualização dos dados do programa ou da aposentadoria. As informações não chegavam até elas e quando chegavam, já não havia mais tempo. 2) A criação de mapas mentais dos circuitos possíveis: as crianças elaboravam um mapa mental de onde poderiam circular no território. Havia casas que elas não poderiam ir, como a casa na qual só moravam homens, as “bocas” (pontos de comércio de drogas ilícitas) e aquelas com as quais a família era “intrigada”, havendo alguma divergência entre as famílias das crianças. Essas casas estariam vetadas no mapa e não poderiam ser frequentadas no dia a dia nem seriam opções para “passar um tempo”.

As relações entre as mulheres eram bem distintas. Observamos bastante a forma como eram feitas as tomadas de decisão, como se davam os desafetos, como os olhares desconfiados eram trocados e como eram expressos cada palavra ou movimento. Por outro lado, também foi possível observar um nível de cumplicidade entre mulheres, em

especial entre aquelas que acolhiam filhos/as de outra casa. Isso fazia surgir uma teia de regras de convivência. Em seu estudo sobre as normas de socialização e relações de poder, Nobert Elias e John Scotson (2000) analisam a maneira como um grupo pode marginalizar membros de outro grupo, e como isso constrói identidades individuais e coletivas. Podemos perceber tensões hierárquias e jogos de poder nas atitudes e falas da comunidade. As mulheres que moravam na entrada da comunidade, por exemplo, não falavam com as que moravam no final e aquelas que morava no meio não falava com algumas da entrada, Quando perguntado o porquê, as justificativas era apresentadas em forma de acusações: as moradoras do alto “se achavam” e as que moravam no meio eram “desorganizadas”. Diziam isso em meio a movimentos com as mãos, como se quisessem esconder o riso baixo e completavam olhando para os lados, afim de ver se alguém mais tinha ouvido as falas, gestos e risos.

Esta dinâmica de não se relacionar com as vizinhas de determinadas partes da comunidade — que estamos chamando de entrada, meio e fim — é um reflexo da desigualdade dentro da própria comunidade da Estrada Velha. Como mencionamos anteriormente, as casas da entrada são bem mais simples e feitas de pau a pique e taipa, um tanto tortas e de frente para uma saída de esgoto. Quando se vai caminhando pela comunidade, a qualidade das moradias vai melhorando, aparecem construções de tijolos, cercas mais firmes no chão e quintais com árvores e plantas medicinais. Esse cenário evidencia a existência de uma hierarquia interna presente no local. A antropóloga Jacqueline Pólvora (2014), ao apontar como a pobreza se manifesta na geografia dos espaços periféricos de Porto Alegre, diz que: “‘ter’ ou ‘não ter’, neste caso, dinheiro acoplado ao terreno são fatores determinantes que situam as famílias negras — quase sempre os que ‘não têm’ — nas posições mais baixas da hierarquia local” (PÓLVORA, 2014, p. 178).

O movimento das conversas e a teia de relações entre as moradoras, fazem com que os/as meninos/as das casas mais simples não sejam vigiados mais de perto por parte das mulheres das casas de tijolos, e vice-versa. Segundo João de Pina Cabral e Antónia Lima (2005), essas relações entre as mulheres da comunidade configuram uma rede de parentesco, principalmente quando é observado o que elas entendem por parentesco. Parentesco, como apontam os autores, diz respeito aos horizontes de relações familiares que o indivíduo estabelece, nada é estático, ou seja, as relações que estas mulheres da Estrada Velha têm são representadas em dois movimentos: 1) a expansão (pessoas, amigos próximos que se tornam “da família”) e 2) a retração (condição financeira, educacional, religiosa remetem ao esquecimento e exclusão do parente). É algo que traduz esse

movimento de circulação e cuidados, quando notamos que somente as crianças das casas da entrada vão para as casas da entrada, pois os moradores seriam mais próximos, todavia, isso não impede a livre circulação pela rua. Nas conversas que tivemos junto ao grupo de mulheres, muitas mostravam-se preocupadas com as crianças e os jovens no envolvimento com drogas e com a criminalidade. As mães não queriam que seus/suas filhos/as entrassem nesse mundo do crime, presente no cotidiano delas através da facção, da prisão de familiares e da presença da Polícia Militar no território.

A venda de drogas e as suas consequências para a comunidade, como a presença da polícia, não é o único fluxo de entrada e saída que atravessa o cotidiano daquelas famílias. A comunidade da Estrada Velha ganha sentido em seus encontros, recusas e silêncios durante o cotidiano da sobrevivência diária. Como no caso examinado por Fonseca (1995), estamos entre casas estreitadas, gerações de famílias que se espalham no mesmo lugar e na mesma velocidade vão embora. Assim, há as casas que surgem como um expressivo lugar de cuidados, no qual as crianças são “compartilhadas” através da troca e do exercício de cuidados recíprocos, e as casas onde elas não podem entrar, possivelmente pelas dinâmicas de intriga e preconceito já mencionadas acima ou por serem locais de consumo de drogas. Existem também os locais abertos, como a frente do bar, de onde as mulheres podem observar o movimento nas ruas enquanto jogam cartas e dão pitaco na jogada de “trinca de ases”.

Segundo Fonseca (2010), o entrecruzamento entre as temáticas de violência, drogas, gênero, infâncias e pobreza é uma característica marcante nos estudos de parentesco e família na Antropologia feita no Brasil nos últimos anos. O trabalho dessa autora, em consonância com Cabral e Lima (2005), evidencia que esse movimento das dinâmicas de parentesco permitem pôr luz a muitas das relações que eram ignoradas ou discriminadas nos séculos passados, como, por exemplo, as relações entre “pais e filhos adotivos, entre parceiros homossexuais, entre padrastos e enteados” (FONSECA; CARDARELLO, 2010, p. 218). Foi esta percepção que nos motivou a reunir todas as informações adquiridas em 2017 e 2018 e escrever sobre a dinâmica da comunidade da Estrada Velha, descrevendo por onde as crianças e jovens estavam circulando e quais eram os enfrentamentos feitos por eles. Este artigo foi uma oportunidade de colocar tudo em um papel e refletir sobre o que fazer diante dessas questões, angústias e respostas e como vinculá-las aos estudos antropológicos contemporâneos.

## Considerações finais

Como foi apontado ao longo do artigo, pensar como e quais os motivos da circulação infanto-juvenil acontecer na comunidade da Estrada Velha era primordial para entender as relações, dinâmicas e conflitos que se desenvolvem no território. A comunidade estudada oferece uma resposta a esse fenômeno, demonstrando que a circulação das crianças e jovens é uma das estratégias de sobrevivência diante da pobreza e do envolvimento com coisas consideradas erradas pelos moradores.

Merecem destaque, neste cenário, dois pontos: 1) as moradoras da comunidade da Estrada Velha, em meio a todas as adversidades que a sociedade local as provocam, buscam melhorias e se mantêm unidas como “A família Estrada Velha”, nomeada assim pelos moradores; 2) devido à teia de relações entre as moradoras, as crianças e jovens podem circular e passar temporadas nas casas de famílias que cuidam delas até o momento da volta para o lar. Através disso, pudemos ver como o Estado é omissivo e como é desigual a distribuição de renda e a oferta de empregos. É sempre dito que os cidadãos devem crescer, estudar, trabalhar... mas como isso pode ser feito se o Estado não disponibiliza o mínimo de estrutura e equipamentos para a população carente? Educação, saúde, espaços de lazer e respeito aos direitos são postos quase como inexistentes para essa população que vai crescer sem acesso ao básico e tendo que criar estratégias para sobreviver.

Finalmente, este trabalho objetivou discutir a circulação infanto-juvenil, a criação de regras e dinâmicas internas e a marginalização dos moradores da Estrada Velha. A realidade vivenciada pela população infanto-juvenil e pelas mulheres, tratada nesta pesquisa. A realidade vivenciada é excluída do público e transportada para o privado. Assim, essas pessoas não falam publicamente sobre quem são, seus desejos, lutas, brincadeiras e distintas violências que sofrem diariamente. Isso evidencia o descaso com esses moradores. Neste sentido, podemos afirmar que a população de Acarape e cidades vizinhas não conhecem o cotidiano dos moradores da comunidade da Estrada Velha.

A partir do momento que encontramos realidades parecidas em nossa volta, vemos o quão urgente é reivindicar e trazer essa discussão para dentro do campo acadêmico antropológico como o estudo do “outro” e do “próximo”, e, principalmente, para a comunidade em geral. Não deixar a discussão apenas no privado das paredes de prédios, mas trazê-la para dentro da academia, da roda de conversa, das redes sociais e para dentro das casas.

## Referências

ABRASCO. Pobreza na primeira infância afeta saúde e inteligência de crianças e adolescentes até a vida adulta, mostra estudo. Disponível em: <https://www.abrasco.org.br/site/noticias/saude-da-populacao/pobreza-na-primeira-infancia-afeta-saude-e-inteligencia-de-criancas-e-adolescentes-ate-a-vida-adulta-mostra-estudo/65792/>. Acesso em: 15 mai. 2022.

ARIÈS, Philippe. *História Social da Criança e da Família*. LTC- Livros Técnicos e Científicos Editora S.A. Travessa do Ouvidor, 11 Rio de Janeiro, RJ--CEP 20040, 1981.

BADINTER, Elisabeth. *Um Amor conquistado: o mito do amor materno*. Tradução de Waltensir Dutra. — Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

BARNA, Agustín. Circulación de niños: Entre actuaciones estatales e iniciativas populares. *Runa*, v. 40, n. 2, 2019.

BAUMAN, Zygmunt. *Comunidade: a busca por segurança no mundo atual*. Editora Zahar, Rio de Janeiro, 2003.

CABRAL, João de Pina; LIMA, Antónia e Pedroso de. “Como fazer uma história de família: um exercício de contextualização social”. *Etnográfica*, vol IX, n. 2, . p. 355-388 2005.

DEL PRIORE, Mary. *Ao Sul do Corpo: condição feminina, maternidade e mentalidades no Brasil Colônia*. Rio de Janeiro: José Olympio, EdUnb, 1993.

DIAS, Maria Odila Silva. *Mulheres sem História*. Departamento de História da FFLCH da Universidade de São Paulo, 1983.

ECKERT, Cornelia; ROCHA, A. L. C. da. “Etnografia: saberes e práticas”. In: Céli Regina Jardim Pinto e César Augusto Barcellos Guazzelli. (Org.). *Ciências Humanas: pesquisa e método*. Porto Alegre: Editora da Universidade Série Graduação, 2008. p. 9-24.

ELIAS, Norbert. *A sociedade dos indivíduos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1994.

ELIAS, Norbert; SCOTSON, John L. *Os Estabelecidos e os Outsiders: sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2000.

FONSECA, Claudia. *Caminhos da Adoção*. São Paulo: Cortez, 1995

FONSECA, Claudia. *Família e parentesco na antropologia brasileira contemporânea*. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2010.

FONSECA, Claudia. *Olhares Antropológicos sobre a Família Contemporânea*. Pesquisando a Família. Florianópolis, 2004.

FONSECA, Claudia. Ser mulher, mãe e pobre. In: DEL PRIORI, Mary (org.); BASSANEZI, Carla (coord. de texto). *História das mulheres no Brasil*. 9. ed. — São Paulo:

Contexto, 2007. p. 511.

FONSECA, Cláudia; CADARELLO, Andrea. Família e Parentesco. In: MORAES, Amaury César. Coleção *Explorando o Ensino* – Vol. 15. Sociologia, ensino médio/Coordenação. - Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2010. p. 209.

GÓIS, Cezar. Wagner de. Lima. *Psicologia comunitária: Atividade e consciência*. Fortaleza: Publicações Instituto Paulo Freire, 2005

MAGNANI, José Guilherme C. Antropologia e Estudos Urbanos: De onde viemos, para onde vamos. *Revista de Antropologia*, USP, São Paulo (online), v. 59, n. 3, p. 174-203, 2012.

MARCHI, Rita de C. A Criança como Ator Social - críticas, réplicas e desafios teóricos e empíricos. *Práxis Educativa*, v. 12, n. 2, p. 617-637, 2017.

MARTINS, Rita de Cássia. *Pesquisas com Crianças: instrumentos teórico metodológicos na escuta dos pequenos*. X Congresso de Educação – EDUCERE, 2011.

MOURA JR, J. F.; LIMA, A. A. S.; FERREIRA, F. G. S. Infância em situação de pobreza: relatos de experiências interseccionais da extensão universitária na Estrada Velha- Acarape/CE. In: COSTA, G; Silva; E. R. O. (Org). *Experiências em ensino, pesquisa e extensão na Unilab: caminhos e perspectivas*. 1ª. ed. Fortaleza: Impreco, v. 3, p. 434- 448, 2018.

PORTAL DE NOTÍCIAS G1. *Casas de taipa ainda são comuns no interior do CE, mesmo inadequadas*. Disponível em: <http://g1.globo.com/ceara/noticia/2014/08/casas-de-taipa-ainda-sao-comuns-no-interior-do-ce-mesmo-inadequadas.html>. Acesso em: 08 jan. 2022.

PÓLVORA, J. B. Quando Raça se Evidencia no Espaço: apontamentos desde uma vila em Porto Alegre. *Iluminuras*, Porto Alegre, v. 15, n. 36, p.171-184, ago./dez. 2014.

SARRIERA, J. C.; MOURA JR, J. F.; XIMENES, V. M.; RODRIGUES, A. L.; Sentido De Comunidade Como Promotor De Bem Estar Em Crianças Brasileiras. *Revista Interamericana de Psicologia/Interamerican Journal of Psychology (IJP)*, , v., 50, n. 1, p. 106-116, 2016.

WAGNER, Roy. *A invenção da cultura*. São Paulo: COSACNAIFY, 2010.

WHYTE, W. F. Treinando a Observação Participante. In: GUIMARÃES, Alba Z. *Desvendando Máscaras Sociais*. Livraria Francisco Alves, S. A. Rio de Janeiro, 2ª Edição, 1980. p. 77-86.

ZILLI, Luís Felipe. O “Mundo do Crime” e a “Lei da Favela”: aspectos simbólicos da violência de gangues na região metropolitana de Belo Horizonte. In: *Etnográfica - Revista do Centro em Rede de Investigação em Antropologia*. Vol. 19, 2015. p. 74-105. Disponível em: <https://journals.openedition.org/etnografica/4045>. Acesso em: 3 nov. 2022.

Francisca Temoteo, Layra Dias, Jacqueline Pólvara

Recebido em 5 de dezembro de 2021

Aceito em 14 de junho de 2022